Florian Rouanet

George Sorell, a violência a serviço do "mito" revolucionário

Florian Rouanet

George Sorel, a violência a serviço do "mito" revolucionário

Dos maurrassianos e squadristas – Tomismo e Evangelho

Sumário

I. Uma vida entre a fé materna e a racionalidade crítica.....7
II. Reflexões sobre a violência: uma teoria do mito e da ação.....8
1. O mito social, motor das revoluções.....8
3. A violência ética e regeneradora e influências.....9
III. Rigor estratégico entre razão divina e fervor revolucionário, ou o tríptico justiça, violência e transcendência (cristianismo, tomismo).....11
Evangelho e tomismo: a violência existente.....11
Passagens evangélicas da tradução do abade Augustin Crampon.....11
A Suma Teológica de São Tomás de Aquino.....12

Resumo introdutório:

Georges Sorel (1847–1922), pensador inclassificável, devido ao seu não conformismo absoluto, marcou a virada do século XX, especialmente por sua reflexão sobre a violência e o papel do “mito” na ação social. Ele teorizou uma visão radical e criativa da violência, ao mesmo tempo em que influenciou círculos variados, do sindicalismo revolucionário ao nacionalismo maurrassiano.

Filho de uma mãe católica praticante e fervorosa, conservou dela um respeito pelo “catolicismo de combate”, embora tenha se afastado de qualquer prática religiosa pessoal.

Notas preliminares

> “Você sabe o que penso da violência. Para mim, ela é moral, perfeitamente moral, mais moral do que os compromissos e as transações; mas, para que tenha em si mesma a justificativa de sua alta moralidade, é necessário que seja sempre guiada por uma ideia, nunca por um cálculo baixo ou um interesse mesquinho.” - (Mussolini, influenciado por Sorel, citado por Pirou, p. 54, nota I).

Como acontece com os revolucionários conservadores, as fronteiras são por vezes porosas. A obra supracitada influenciou **para além das clivagens: dos contrarrevolucionários aos anarquistas, passando pelos “populistas”**. Ela soube **reconciliar o impensável entre violência e criação, violência regeneradora e violência benéfica!**

Se a violência, ou ao menos aquela “pura” e física, pertence mais ao universo masculino, observar-se-á que apenas ele escolhe e constrói: traça estradas, paradas de ônibus, casas e até edifícios. Em comparação, a mulher, cujo papel é totalmente distinto, não passa de uma concha mole, sem força nem criatividade suficiente.

> “Todo homem ou todo poder cuja ação consiste unicamente em ceder não pode resultar senão em retrair-se na existência. Quem vive, resiste; quem não resiste deixa-se despedaçar em pedaços.” - *Reflexões sobre a violência*, Georges Sorel.

Isaiah Berlin explicitou em poucas palavras as razões pelas quais considerava esse pensador inclassificável uma “figura original” que o fascinava, sem, no entanto, despertar sua simpatia nem provocar sua admiração:

> “Ele está ao mesmo tempo à direita e à esquerda. Apoia Lênin e Mussolini. Era favorável à Igreja e anticlerical. É a favor e contra tudo. Era um homem muito interessante, ao mesmo tempo confuso e talentoso, com certas ideias penetrantes e também um certo número de ideias absurdas.

Não sou um admirador seu; mas ele fascina, porque é um pensador político extraordinariamente original e independente. […] Sorel é uma figura única na história do anarco-sindicalismo francês.” - (Berlin, 1990, p. 235).

I. Uma vida entre a fé materna e a racionalidade crítica

Georges Sorel nasceu em 1847, em uma França marcada pelos antagonismos entre revolução e restauração monárquica. Sua mãe, católica praticante, marcou sua infância com um apego à fé cristã. No entanto, Sorel, embora **admirasse o catolicismo quando este se mostrava combativo e enraizado**, afastou-se dele em favor de uma reflexão crítica.

Essa postura ilustra uma tensão constante em seu pensamento: um respeito pelas estruturas sólidas e transcendentes herdadas da tradição, que **ele opunha à frouxidão dos ideais burgueses**, sem, no entanto, aderir ao dogma religioso. Esse contraste entre a piedade materna e a ausência de prática espiritual pessoal confere à sua obra um caráter singular.

II. Reflexões sobre a violência: uma teoria do mito e da ação

1. O mito social, motor das revoluções

Em ***Reflexões sobre a violência*** (1908), Sorel elabora o conceito central de "mito social". **Não se trata de uma mentira, mas de uma representação coletiva galvanizadora, destinada a inspirar a ação**. Assim, a greve geral torna-se o símbolo revolucionário último para o proletariado, um ideal que transcende as divisões e as hesitações.

Segundo ele, o mito social encarna uma forma de **impulso vital**, análoga à intuição criadora de Henri Bergson, socialista patriota que influenciou Charles Péguy (não a porca!). Ele permite **reintroduzir a vontade e o fervor em sociedades adormecidas pelo materialismo burguês**.

2. Uma crítica mordaz ao parlamentarismo burguês

Sorel (e não Soral!) rejeita o parlamentarismo, que considera estéril e corrompido pelo espírito de compromisso e por um conformismo mal colocado. Para ele, as instituições democráticas modernas são mecanismos de domesticação do proletariado, desprovidos de qualquer verdadeira força transformadora.

Essa **crítica**, entre outros pontos, aproxima-se da de **Charles Maurras e dos círculos da Action Française – aliás, os *camelots du Roi* também sabiam bater bem!** –, embora os dois pensadores divirjam quanto às suas finalidades: enquanto Maurras defende um retorno à ordem monárquica, Sorel exalta o caos regenerador da luta social operária.

> "Sem poder desejar nem esperar o mal, não podemos impedir que tantas faltas políticas o engendrem. Deve-se proibir de prevê-lo ou deve-se evitar, nobremente, preparar-se para ele? Deve-se evitar dizer

a si mesmo que o inimigo interno poderá um dia ser esmagado pelas consequências de suas faltas ou de seus crimes e que poderemos aproveitar um momento de estupor para nos livrarmos dele?

Incidentes sem gravidade podem, aliás, produzir todos os efeitos de desmoralização favoráveis ao golpe de força. Para permitir que ele tenha êxito com o mínimo de resistência e de dificuldade, bastaria um minuto de distração e de ausência entre os defensores do regime. A causa ou o pretexto do desarranjo espontâneo não importa de modo algum. Pode ser Battle of Sedan ou Battle of Waterloo; pode ser Lạng Sơn Campaign, ou qualquer um desses boatos falsos que determinaram quase todos os movimentos populares da primeira Revolução. Que a força pública demonstre hesitação, e os chefes civis ou militares indecisão, nesses casos (o que tem força de axioma na história, e portanto na política), diante de um grupo de indivíduos resolutos que sabem bem o que querem, para onde vão e por onde passar, o resto se dobra, o resto cede, o resto é conduzido, arrastado. Não é apenas a lei da luta civil ou da sedição bem-sucedida. É a condição eterna do sucesso das ações de golpe em todas as guerras conhecidas.” - Quarta capa – *Se o golpe de força é possível*, de Charles Maurras (Kontre Kulture)

3. A violência ética e regeneradora e influências

No cerne de seu pensamento encontra-se **uma visão a priori paradoxal da violência:** longe de ser destrutiva, ela é criadora e ética quando se desenvolve com um objetivo revolucionário. Sorel distingue essa violência da brutalidade estatal, que ele associa aqui à decadência. **Observa-se, aliás, em escala individual, no homem, especialmente segundo a ciência atual, que a testosterona é ao mesmo tempo o hormônio do risco e do prazer nesses senhores**.

Sua insistência na **regeneração pelo conflito** inspirou **movimentos variados**: do sindicalismo revolucionário ao *squadrismo* italiano. Este

último, embora politizado pelo fascismo, apropriou-se de certas ideias sorelianas, especialmente no que diz respeito ao papel catártico da ação direta e brutal.

De fato, Sorel manteve relações amplas e complexas com os círculos intelectuais de seu tempo, especialmente aqueles que gravitavam em torno de Pierre-Joseph **Proudhon, da Action Française e do sindicalismo revolucionário**.

III. Rigor estratégico entre razão divina e fervor revolucionário, ou o tríptico justiça, violência e transcendência (cristianismo, tomismo)

O legado de Sorel é marcado por ambiguidades. Se suas ideias sobre o mito e a violência foram retomadas por certos movimentos fascistas, elas permanecem, antes de tudo, ancoradas em uma lógica de emancipação social, transcendendo as ideologias de sua época. No entanto, esse **rigor encontra eco no tomismo**: Sorel acredita em uma racionalidade transcendente; mas, enquanto o primeiro a inscreve em uma ordem divina, o segundo a vincula ao fervor criador das massas. Particularmente, isso o aproxima de uma "justiça vertical" fundada em leis objetivas e imutáveis, própria da fé cristã e do tomismo. Em ambos os casos, trata-se de **ultrapassar o ordinário para alcançar a raiz do real** — seja ela divina ou revolucionária/popular.

Evangelho e tomismo: a violência existente

Segue uma seleção de citações de passagens do Evangelho, bem como da *Suma Teológica*, relativas aos temas mencionados ou conexos. Esses textos, que chocam profundamente o homem moderno e por vezes são difíceis de apreender, refletem ensinamentos profundos sobre a justiça, a ordem divina e a condição humana segundo a teologia e a filosofia cristãs.

Passagens evangélicas da tradução do abade Augustin Crampon

O Reino dos céus pertence aos violentos:

"Desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela força, e são os violentos que se apoderam dele." - (Evangelho segundo Mateus XI,12)

Eu vim trazer a espada:

“Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada.” - (Evangelho segundo Mateus X,34)

Sinal de contradição:

“Eis que este menino está destinado a ser um sinal de contradição.” - (Evangelho segundo Lucas 2,34, trad. Crampon)

Ou se segue Cristo ou se está contra ele:

“Aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que não ajunta comigo, dispersa.” - (Evangelho segundo Mateus 12,30, trad. Crampon)

A Suma Teológica de São Tomás de Aquino

A necessidade do sofrimento:

“Era necessário que o sofrimento precedesse a glória.” - (STh III, q.46, a.3)

“Deus permite às vezes que os justos sofram provações nesta vida a fim de purificar seus pecados ou de fortalecê-los na virtude.” - (STh I-II, q.87, a.7)

O sofrimento como instrumento da justiça divina:

“A dor temporal é ordenada por Deus para o bem eterno das almas. Assim, pela dor, o homem é levado a refletir sobre seu pecado e a voltar-se para Deus.” - (STh III, q.85, a.5)

O papel do castigo na ordem divina:

“O castigo é uma consequência da justiça divina, e a justiça divina é boa. Não é a crueldade que leva Deus a punir, mas uma ordem perfeita em que os pecados são corrigidos.” - (STh I, q.21, a.4)

As penas eternas:

“O castigo eterno é justo porque a ofensa a Deus, que é infinito, merece uma pena infinita.” - (STh I-II, q.87, a.3)

A subordinação da mulher ao homem:

“O homem é o chefe da mulher, não por causa de uma dignidade intrinsecamente superior do homem, mas em razão da ordem estabelecida por Deus, na qual cada um tem seu lugar.” - (STh I, q.92, a.1)

“A mulher é submetida ao homem na ordem doméstica, assim como a alma sensível é submetida à alma racional.” - (STh I, q.92, a.2)

A dependência total do homem em relação a Deus:

“Toda criatura, seja qual for, é um efeito da vontade divina e não pode subsistir independentemente d’Ele.” - (STh I, q.44, a.1)

“O homem não possui nada por si mesmo, mas tudo o que tem deve à graça e à vontade de Deus.” - (STh I, q.103, a.5)